



# TEATRO

★★

*do Romantismo aos nossos dias:* CENTO

U.1635



*uma antologia  
seleccionada, prefaciada e anotada*

*por*

**LUIZ FRANCISCO REBELLO**

# PORTUGUÊS

**E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA**

*Teatro*

# TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

*do Romantismo aos nossos dias*

2.<sup>o</sup> volume

# António Botto

*António Tomaz Botto nasceu em Concavada (Agueda) no ano de 1900, e faleceu no Rio de Janeiro a 18 de março de 1959.*

*Obras principais: Teatro — Flor do Mal, esboço dramático em 3 actos (incluído no volume Motivos de Beleza, 1923); António, novela dramática, e Alfama, 3 actos (1933); Nove de Abril, 3 actos (1938); A Morgadinha de Valfior, ópera adaptada do drama de Pinheiro Chagas (1940).*

*Outras obras: Poesia — Trovas (1917); Cantigas de saudade (1918); Cantares (1919); Canções (1921; diversas edições posteriores, reunindo toda a obra poética sucessivamente publicada); Motivos de Beleza (1923); Curiosidades estéticas (1924); Piquenas esculturas (1925); Olimpíadas (1927); Dandismo (1928); Ciúme (1934); Baionetas da Morte (1936); A vida que te dei e Sonetos (1938); O Livro do Povo (1944); Ódio e Amor (1947); Ainda não se escreveu (edição póstuma, 1959). Prosa — O Livro das Crianças (1931); Cartas que me foram devolvidas (1932); O meu amor pequenino (1934); Dar de beber a quem tem sede (1935); Não é preciso mentir (1939); Isto sucedeu assim, novela (1940); Os contos de António Botto (1942).*

*Fernando Pessoa (a quem se devem, juntamente com as de José Régio, as mais penetrantes páginas de análise crítica da singular obra poética do autor das Canções) escreveu, num dos vários estudos que lhe consagrou, que esta «gira e se anima em torno de quatro ideias ou estados mentais — a emoção sem paixão, a inteligência das superfícies, o sentimento contraditório, e a ironia emotiva», acrescentando que nestes quatro elementos não são, porém, diversos, desconexos ou simplesmente justapostos: derivam de um mesmo fundo temperamental, que por todos eles igual e concordantemente se manifesta.*

*Ao teatro de António Botto, e muito particularmente aos três actos de Alfama (em rigor, até, a única peça válida que escreveu), se poderão estender, inalteradas, as observações que a Pessoa ditou a sua poesia: como esta, é aquela a subtil afirmação de um fundo temperamental em que a emoção e o instinto relegam para segundo plano a inteligência, presente apenas através de uma ironia magoada que se alimenta da consciência dos seus próprios limites e contradições. Os três actos de Alfama, e em especial a figura da sua protagonista, essa Júlia que é uma das mais humanas personagens do teatro português contemporâneo, estão impregnados de um fatalismo que bem se pode considerar a síntese qualitativa dos quatro elementos detectados por Pessoa na poesia de António Botto, de que aliás esta sua peça não é mais do que uma quase literal transposição dramática.*

*A propósito de Alfama, falou-se (falaram os críticos) em realismo, em populismo, em simbolismo — e chegou, até, por causa da cena final, a evocar-se o nome de Ibsen... Há, talvez, um pouco de tudo isso nesta peça de António Botto, e sem dúvida muito mais do que isso: uma espessura humana que — Raul Brandão à parte — nenhum outro dramaturgo de entre as duas guerras soube insuflar com tamanha autenticidade às suas personagens.*

*Estreada a 16 de junho de 1933 no Teatro de S. Carlos, Alfama teve como intérpretes Ilda Stichini (Júlia), Amélia Pereira (Tiana), Irene Isidoro (Clotilde), Herminia Tavares (Alice), Alves da Costa (Manuel), Assis Pacheco (Joaquim), Alexandre de Azevedo (Ricardo), Barroso Lopes (Amadeu) e Luís de Campos (Raul).*

A L F A M A

Personagens:

JULIA.  
 TIANA.  
 CLOTILDE.  
 ALICE.  
 MANUEL.  
 JOAQUIM.  
 RICARDO.  
 AMADEU.  
 RAUL.

Actualidade — HOJE

ACTO PRIMEIRO

*Interior de uma casa pobre. Ao fundo, uma janela de sacada aberta de par em par. Do lado esquerdo, três portas; do lado direito, duas. Pelas paredes, algumas oleografias: A implantação da República Portuguesa na Câmara Municipal de Lisboa; Dr. António José de Almeida, Dr. Sidónio Pais, Staline e o Senhor Jesus dos Passos da Graça. A um canto uma velha mala; entre as portas do lado direito está uma cómoda com vários apetrechos em cima; do lado esquerdo, um guarda-louça de estilo complicadíssimo, e ao meio da casa uma mesa bastante tosca. Uma guitarra, bancos, duas cadeiras de palhinha já usadas, e sobre a mesa uma pe-*

*quena bilha de barro e um vaso de manjerico. Num prego vê-se um xaille pendurado; noutro, um boné de marinheiro, um saco de chita e uma alcofa remendada. A janela, em baixo, e da parte de dentro, sobre um caizote, uma panela de folha ferrugenta com trepadeiras floridas que sobem por uma cana delgada e voltam ao cimo agarradas a um cordel esticado abrangendo a largura da janela. Esta casa fica situada num Beco, e pela janela aberta vêem-se os prédios da frente e alguns balões iluminados. Noite de Santo António. É quase uma hora da manhã. Ouvem-se cornetas, estalos, vozes de harmónio, de píforo, e de guitarra. Ao longe, o movimento desengonçado de uma marcha cantarolando a canção: Dá-me um beijinho, não dou ai não, que se avoluma até se ouvir nitidamente; e antes que os últimos sons se percam, sumidos, na distância, uma voz viril sobe, cantando, num som arrastado e triste:*

Maria, se fores ao baile,  
 Leva teu xaille,  
 Pode chover;  
 Que lá pela madrugada  
 Cai a geadá,  
 Podes morrer.

*(Manuel, junto à janela, sentado num banco, parece dormir. Perto dele, uma garrafa de litro com algum vinho. É um rapaz sadio, de vinte e três anos.)*

TIANA *(afastando a cortina da porta do seu quarto, com um candeeiro de petróleo aceso — atabalhoada, e dando a impressão de que se levantou):* Este gato, este patife... Ora, eu ouvi cair qualquer coisa... — biche, biche, biche... *(Silêncio.)* Galhito... *(Silêncio.)* Onde estará este maldito metido?... *(Silêncio.)* Biche, biche, biche... *(Silêncio.)* Isso sim!... *(Silêncio.)* Ora esta?!... Galhito, Galhito... *(Indo à última porta da esquerda alta.)* Biche, biche... *(Voltando.)* Isso sim!... Não há maneira! *(Reparando em Manuel:)* Ó Manuel! Manuel! *(Perto dele:)* Então tu não te vais deitar? *(Abanando-o:)* Tu não ouves? *(Silêncio.)* Anda, vai-te deitar... *(Fora, num harmónio, tocam a canção do Cochicho.)*

MANUEL: Já vou; deixe-me estar aqui um bocado.

TIANA: Mas isso faz-te mal, homem! Não é boa ideia estares a apanhar o relento da noite... Anda, vai-te deitar...

MANUEL: Ó Senhora, deixe-me em paz, — não tenho sono.

TIANA: És teimoso, e casmurro... *(Silêncio.)* Faz o que quiseres... *(Silêncio.)* Mas onde estará o gato! — Ouve lá: não deste notícia do Galhito?



MANUEL: Sei lá do gato! *(Silêncio.)* Que chatice...

TIANA: Também me saíste uma boa prenda. Podes limpar as mãos à parede.

MANUEL: Ó senhora, deixe-me em paz, vá-se deitar, não me chatie... *(Na rua passam guitarras gemendo um fado ligeiro.)*

TIANA: Coitadinhol! Está, então, muito chateado, o meu rico menino? *(Silêncio.)* Isso deve ser o nervoso de a não ter visto ainda hoje?...

MANUEL *(erguendo a cabeça, e, desabridamente):* O que é que quer dizer com isso?

TIANA: Nada! Não quero dizer nada! *(Silêncio.)* Mas o que eu te posso garantir é que hei-de pôr o negócio a limpo, e não há-de tardar muito tempo. *(Silêncio.)* Ou tu julgas que eu admito certas coisas cá em casa?...

MANUEL: Certas coisas? Mas, quais coisas?

TIANA: Canta que logo bebes. Tens muito que mastigar ainda para me comer por tola.

MANUEL *(rindo):* As suas descobertas valem um dinheirão. *(Silêncio.)* Porque é que você não vai para a polícia?

TIANA: Pois sim, dá-lhe dessas, que ainda vais a tempo!...

MANUEL *(irritado):* Ó senhora, mas explique-se e fale direito.

TIANA: És muito espartinho!... Mas de cá... — não levas nada. Conheço-te há vinte e três anos; andei contigo aqui dentro *(bate no ventre)* por conseguinte... — boa noite, até amanhã! *(Silêncio.)* Juízo, juízo — julzinho é que é preciso! *(Da porta da direita baixa, que é o quarto de Júlia e de Joaquim, ouvem-se rumores de zaragata. Manuel ergue o busto e a cabeça para ouvir. Tiana pára perto da porta do seu quarto e, depois de um silêncio — para o filho:)* Lá principia o inferno!... E escolheram a hora própria! *(Si-*

*lêncio.)* Tão descarado é um como é o outro. Olha, o teu pai é que diz bem: — pô-los na rua, e está a visita feita. *(A voz de Júlia, dentro, bem nitidamente:)* Se continuas a bater-me grito ó da guarda — e há-de ir preso!

*(Manuel, nervosíssimo, levanta-se e passa-se de um lado para outro.)*

JOAQUIM *(dentro do quarto):* Mas, experimenta... chama lá o guarda para eu ver isso...

TIANA: Parece impossível! A esta hora da noite! Não têm vergonha nenhuma! *(A voz de Júlia, gritando:)* Não, não, e não! Ou tu acabas com esta vida... *(Rumor de pancada. Na rua passam cantaralando:)*

Dá-me um beijinho,  
Não dou ai não.

*(A voz de Júlia, chorosa:)* Malandro! Canalha!

MANUEL: O que ele precisava, sei eu!

TIANA: Eu vou chamá-los à ordem porque isto assim não pode ser. *(A voz de Joaquim:)* Sua cabra; hei-de parti-la, de meio a meio! *(A voz dela, num choro mais alto:)* Se a minha mãe fosse viva, não fazias tu o que tens feito!

TIANA *(bateu à porta do quarto):* Ó senhor Joaquim! Ó menina Júlia! *(Silêncio.)* Tenham paciência, mas não são horas de estarem com essas coisas... *(Manuel encosta-se à janela olhando para a rua, a fumar.)*

JOAQUIM *(aparecendo à porta, atando a correia das calças, aos bordos, embriagado):* O que é? O que foi? Quem é que bateu à porta?

TIANA *(com tesura:)* Fui eu! Fui eu que bati à porta, porque é uma hora da manhã e precisamos descansar. *(Ouve-se o fado numa guitarra, suavemente.)* O senhor, aqui, na minha casa, não vê ninguém fazer estes disparates. Quem quer jogar as cava-

lhadas vai para uma praça de touros, ou então para o Terreiro do Paço. Aqui, em casa, não consinto estes abusos! *(Silêncio.)* Se fosse uma vez por outra — enfim, fechavam-se os olhos — não há governo sem pancadaria; mas dia sim, dia não, é demais — não pode ser!

JOAQUIM: Você não tem nada coa minha vida!

*(Manuel olha-o desdenhosamente, abanando a cabeça em ameaça.)*

TIANA *(com violência):* Não tenho nada?... Mas talvez tenha. Nisso é que você está enganado. *(Silêncio.)* Então não querem lá ver a pouca vergonha! Bem basta não me pagarem renda do quarto há três meses senão ainda faltarem-me ao respeito, desta maneira? *(Silêncio.)* O senhor que anda sempre agarrado aos livros e lê todos os dias o «Diário de Notícias» tinha erestrítas obrigação de ser um pouco mais educado — e não fazer estes desacomodos, volta e meia, constantemente, sem respeito pela vizinhança, que dá fé de tudo — de uma pequena coisinha assim, fazem um bicho de sete cabeças, nunca mais se calam, e andamos todos metidos no baralho sem precisão... Porque esta vizinhança quando começa a falar, não distingue uma coisa da outra — e eu já estou velha para me arrelhar com porcarias que não me dizem respeito...

JOAQUIM: Mas porque é que lhes dá importância?

TIANA: O senhor, eu não lhes dou importância! Mas, muitas vezes, vou a passar e ouço roerem-me na cascata por causa destes barulhos que o senhor arma constantemente com a sua mulher; e custa-me andar na boca dessa gente — sem meter pra aí prego nem estopa. — Custa-me por mim, e custa-me por vocês. *(Silêncio.)* E a verdade é que não há casa nenhuma no sítio onde façam tanta zaragata, como aqui — desde que vocês vieram pra cá, bem entendido. *(Outro tom:)* Ah! não; tenham santa paciência: Ou mudam de viver, ou eu tenho que os mandar embora. Mas também lhes digo uma coisa: é o

# Í N D I C E

*Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa* vii 657

<i>Introdução</i> .....	<i>IX</i>
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i> .....	<i>XIII</i>
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i> .....	<i>XV</i>
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i> .....	<i>XVI</i>
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i> .....	<i>XVII</i>
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i> .....	<i>XIX</i>
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i> .....	<i>XXI</i>
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i> .....	<i>XXIII</i>
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i> .....	<i>XXVIII</i>
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i> .....	<i>XXXII</i>
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i> .....	<i>XXXIII</i>
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i> .....	<i>XXXVII</i>
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i> .....	<i>XXXIX</i>
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i> .....	<i>XLI</i>
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i> .....	<i>XLV</i>
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a ópereta e a revista</i> .....	<i>XLVII</i>

16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i> .....	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i> .....	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i> .....	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i> .....	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i> .....	LVI
21. <i>Tendências dramaturgias do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i> .....	LVIII
22. <i>Tendências dramaturgias do após-guerra: A sátira de costumes</i> .....	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i> .....	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i> .....	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i> .....	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i> .....	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i> .....	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i> .....	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i> .....	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i> .....	LXXIX

### *Antologia:*

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente .....	1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre .....	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa .....	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Vallor .....	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar .....	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema .....	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha .....	143
× Manuel Fernandes Laranjeira: ... Amanhã .....	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre .....	189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços .....	217
× Fernando Pessoa: O Marinheiro .....	275
Vitoriano Braga: Octávio .....	283
Carlos Selvagem: Entre Giestas .....	303
António Patrício: D. João e a Máscara .....	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou .....	371
× Raul Brandão: O Avejão .....	397
António Botto: Alfama .....	403
Alfredo Cortez: Gladiadores .....	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero .....	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos .....	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente .....	493

× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i> .....	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i> .....	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i> .....	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i> .....	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i> .....	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i> .....	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i> .....	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i> .....	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i> .....	623

*Nota Final*

*Nota Bibliográfica*

*Índice dos Nomes Citados no Prefácio*



## Principais Correções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
<b>NO PREFÁCIO</b>			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsediante
<b>NA ANTOLOGIA</b>			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	<i>Henri Josset</i>	<i>André Josset</i>
575	17	<i>acusa</i>	<i>acusa</i>
575	18-19	<i>épocas, ad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, ad libitum permutáveis</i>
581	22	(1960)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.